

Vikings: Berserker

Eduardo Kasse

Editora Draco

2018

Capítulo I – Pedras e gelo

Noruega, 965 anos depois da morte do deus pregado, aproximadamente cinco anos antes do nascimento de Leif Erikson.

– Como você pode ser tão estúpido, Asgeir? – Birger enxugou o suor da testa, os olhos ardendo por causa do sal, as costas latejando pelo tempo curvadas e o pescoço rígido: trabalhara a terra dura o dia todo. As mãos já não se feriam mais, a pele era grossa como couro e as unhas amareladas pareciam cascos. – Eu falei para você tomar cuidado com as pedras. Precisava bater com tanta força?

O gigante loiro, parrudo como um boi e tão fedido quanto, olhou para a enxada quebrada. A lâmina havia se fendido ao meio depois de uma pancada forte demais. Novamente ela precisaria dos reparos feitos pelo ferreiro, que custavam tanto quanto o lucro pela venda de todos os legumes provenientes da área arada naquele dia.

Num arbusto salpicado de florezinhas brancas, um esquilo vermelho observava tudo com seus grandes olhos pretos, despreocupado, degustando uma bolota recém-caída, os bigodes balançando frenéticos enquanto o focinho preto farejava sem parar. Logo abaixo, oculta pelas folhagens, uma víbora cinza preparava o bote.

– Estou cansado disso. – O grandalhão atirou longe a enxada, espantando um bando de melros que buscava insetos no mato baixo; o que restou da lâmina se separou do cabo. – A gente labuta o dia todo nesse chão duro e pouco consegue colher. Depois vêm o frio e o gelo e...

– Asgeir, você está parecendo a nossa avó, Inga. – Birger bebeu o que restava de água do odre feito com a bexiga de uma cabra. Grande parte escorreu pela barba ainda rala, molhando o pescoço, misturando-se ao suor na camisa ensopada. – Agradeça aos Deuses por termos esse pedaço de terra e por conseguirmos colher algo para encher as nossas panças.

– Cenouras finas, repolhos mirrados e beterrabas muxibentas! Nem os nossos animais se animam em mastigar essas porcarias!

Lá adiante um bode baliu, como se concordasse com o grandalhão. Voltou a mascar as ervas espinhentas que nasciam por entre as rochas de calcário.

Um milhafre-preto pairou no ar, as asas batendo rápido, a cabeça fixa. Desceu num mergulho veloz e sumiu por entre os pés de acelga. Subiu com um ratinho castanho preso às garras.

Birger não cedeu aos resmungos do irmão. Seus olhos ainda ardiam por causa do suor, e um músculo do pescoço pulou, provocando uma careta. Assoou o nariz e atirou o catarro longe num estalo de dedos. Olhou a ave voar até a escarpa rochosa, onde, certamente, um ou dois filhotes pelados e famintos esperavam pelas tenras carnes do ratinho.

Entendeu ser um presságio dos Deuses – bom ou ruim, não sabia dizer –, mas preferiu manter-se calado. Afinal, não podia mais se envolver em loucuras e ranzinzices. Seu pai havia morrido de diarreia no mês passado, e agora ele, o primogênito, era responsável por cuidar da fazenda, de sua mãe e dos irmãos mais novos.

Virou-se e continuou a arar a pequena horta, tomando cuidado para não acertar os pedregulhos, tampouco pisar nos brotos que, teimosos, irrompiam da terra dura.

Birger ainda não completara dezessete invernos.

.
. .
.

– Eu preferia estar na guerra. – Asgeir sorveu ruidosamente a sopa, os dentes raspando na colher de madeira escura. – Pelo menos conseguiria algum dinheiro. E teria fama. E meus braços seriam mais úteis com um machado do que com uma enxada.

– Eu acho que você *morreía* na *pimeila bataia*. – Hege, a caçula sardenta e de olhos azuis, tinha a boca cheia de pão, os dentinhos da frente faltando, perdidos depois de um tombo. – Você é lento e *gande*. *Palece* um javali.

Riu, a boquinha suja de comida. Asgeir se levantou e imitou um porco. Pegou a irmã e a colocou sobre o ombro como se ela não tivesse peso algum.

– Um javali é um bicho feroz e pode furar você com as presas. – Começou a fazer cócegas na irmãzinha. – E depois pode comer seus pés com apenas uma bocada!

– *Pala!* – Ela estava vermelha. – *Pala* que eu *vô mijá*. Ai, ai, ai!

Ele soltou a menina, que demorou a recuperar o fôlego, o resto de pão ainda na boca, os cabelos cor de trigo desgrenhados, as mãozinhas macias dando tapas no irmão. Este ameaçou pegá-la, o que a fez correr aos gritinhos risonhos e se esconder atrás de um monte de sacos. Já começavam a estocar os grãos para o inverno, para deleite dos ratos que sempre afanavam bons bocados do trabalho das pessoas. Afinal, também tinham suas famílias e filhotes para alimentar.

As galinhas vieram ciscar as migalhas que caíram no chão ao redor da mesa, enquanto uma cadela se coçava ao lado da fogueira, onde agora só havia brasas e cinzas. Num dos caibros do telhado, um gato amarelo observava tudo em silêncio, os olhos verdes refletindo o brilho avermelhado dos carvões, as orelhas se mexendo para lá e para cá, buscando o ruído das aves que passeavam sobre o telhado de turfa recoberto por grama.

Lá fora, a égua e a vaca espiavam pela pequena janela entreaberta, invejando os que estavam lá dentro junto ao calor da fogueira. O vento frio do fim da tarde começava a castigar o couro, apesar de ser o começo do *Haustmánuður* e o dia ainda estar claro. O tempo naquelas terras sempre era rude. E as pessoas e os bichos aprenderam a sobreviver às intempéries.

Birger se levantou, arrotou e foi guardar os animais no estábulo, tão frio quanto do lado de fora, mas pelo menos com um teto e paredes de tábuas mal alinhadas para protegê-los um pouco do chuveiro e do vento. As ovelhas e cabras, acostumadas com a rotina, seguiram em fila até a portinhola de madeira, que logo precisaria de reparos. Cada uma se acomodou sobre a palha recém-trocada e começou a dormir. A vaca e a égua olharam mais uma vez para o brilho alaranjado das brasas antes de serem guiadas – a contragosto – para o seu dormitório junto ao rebanho barulhento.

Dentro do salão, a conversa se inflamava.

– Seu pai e eu vivemos aqui por mais de vinte anos e, antes de nós, seus avós, Asgeir. – A mãe colocou Hege no colo e começou a arrumar o cabelo comprido dela, refazendo a trança. – Nunca passamos fome, meu filho. Temos um teto e segurança, temos bons amigos ao nosso redor.

– Não sou ingrato, mãe. – Seus olhos estavam vermelhos, seu espírito cinza, e nas suas veias o sangue parecia feito de chumbo fundido, esquentando as bochechas e a nuca. – Mas sinto que aqui não é o meu lugar. Sinto que preciso ir buscar o meu próprio caminho, com menos gelo e mais terra macia. Com menos pedras e mais pomares.

– E como vai fazer isso? – A mãe puxou muito forte um tufo dos cabelos embaraçados da filhinha, provocando um resmungo.

– Não sei, mas preciso tentar, sabe?

A caçula enfiou na boca um peixinho frito em banha de porco e atirou outro para a cadela, que o abocanhou no ar, mastigando apressada. Engasgou, resfolegou e golfou a massa oleosa no chão, para, em seguida, engolir tudo novamente, antes que as galinhas atrevidas viessem lhe roubar o precioso regurgito.

A mãe nada disse; olhava para o filho enquanto refazia os laços da tira de tecido na trança da filha. Já passara por trinta e sete invernos; a prata já chegara aos seus cabelos, as rugas envolviam os olhos da cor das eternas geleiras, e ela conhecia bem o ímpeto dos jovens.

– Ivar, você tem certeza que vai se juntar a eles? – Hilda segurou o ombro do irmão caçula. – São arruaceiros, muitos deles foram banidos da nossa terra.

– Não se preocupe, minha irmã. – Segurou o martelo de Thor feito com osso que levava no peito. – Eu honro e alegro os Deuses, e eles vão me dar a vitória. E já sei muito bem como me cuidar – piscou.

Ivar beijou a testa da irmã, pegou suas tralhas, suas armas – um machado de cortar lenha e uma lança de ponta rombuda –, e partiu. Na enseada, o langskip estava sendo carregado de suprimentos, os homens felizes, sonhando com butins, terras e mulheres. Logo o navio singraria a costa do reino e se encontraria com a frota de um rico Jarl, Sigurd Sleva, que pretendia aumentar ainda mais as suas posses e poder enfrentando o rei Haakon junto com seus dois irmãos.

Tudo aconteceu depressa. Primeiro veio o desembarque, depois os xingamentos, zombarias e provocações. Os mais afoitos e inexperientes corriam para tentar a glória. Os mais velhos, contidos pelas dores dos antigos ferimentos, avançavam devagar.

Então vinha o barulho: do aço contra o aço, das madeiras dos escudos ao serem rachadas e dos ossos esmagados. Mas eram os gritos e prantos que ficavam para sempre na memória. A dor dos feridos, a agonia dos moribundos e as rezas de quem

ainda conseguia balbuciar algumas palavras. E, por incrível que pareça, a gargalhada daqueles que eram tomados pela loucura da matança.

E, ao final, restava o cheiro. O fedor pútrido de entranhas evisceradas e merda que escorria pelas pernas, mesmo de quem ainda permanecia em pé. O cheiro ferroso do sangue misturado à terra revolta, muitas vezes encharcada pelo mijo e pelo suor de centenas, milhares de guerreiros.

Então, o silêncio. Apenas entrecortado pelo gemido final durante o golpe de misericórdia. Havia carne em abundância para todas as armas. E também para os corvos que aguardavam pacientemente pelo seu bocado, grasnando em agradecimento à farta refeição.

Ivar agora estava no Valhala, bebendo e comemorando junto aos que tombaram. Morreu com a sua arma em punho e o crânio rachado na batalha que aconteceu em Fitjar.

Além do irmão, Hilda perdera primos e nada sabia de outros parentes e de amigos que foram para a Inglaterra e para o continente. E agora o fogo da guerra, da conquista, queimava no peito do seu filho Asgeir. E nenhuma palavra ou conselho seria forte o suficiente para apagar essa chama.

*

– Esse é o melhor navio que você já construiu, meu pai! – Siv levou as mãos à cintura, admirada com o *langskip* que repousava, imponente, sobre os suportes de madeira do estaleiro construído na praia. O casco, feito com tábuas de carvalho, era cuidadosamente lixado pelos homens. O convés, feito de pranchas de pinheiro, era varrido para retirar os últimos restos de serragem e areia.

O som das ondas morrendo lentamente na areia grossa e os berros estridentes das gaivotas eram uma melodia constante, assim como a cantoria dos trabalhadores enquanto martelavam, lixavam e serravam.

– Amanhã iremos vedá-lo com resina e alcatrão. – O pai inspirou, triunfante. – E se os Deuses permitirem e o tempo ficar bom – olhou para o céu –, até o dia de Freyja ele estará no mar, depois de cinco meses de construção.

A jovem sorriu: orgulhava-se daquele navio. Ela ajudara a tecer a vela quadrada feita com lã, leve e impermeável, e, durante cinco semanas, entalhara sozinha

a cabeça de dragão que iria na proa, apesar de os mais velhos dizerem que isso podia trazer má sorte. Depois que o trabalho ficou pronto, acharam-no tão magnífico que mudaram de opinião: a menina devia ser uma agraciada pelos Deuses.

Siv tinha mãos habilidosas, inclusive ao empunhar uma espada.

– Não esperava ser vencido por uma garotinha, não é, seu porco? – Siv cuspiu, o sangue escorrendo pela lâmina da espada que pertencia ao seu pai e, antes dele, ao seu avô. Custara o equivalente a doze vacas leiteiras, sendo um dos tesouros da família.

Com a mão na barriga e a camisa manchada de vermelho, um dos ladrões que tentou roubar as ovelhas, aproveitando que não havia homens na fazenda, choramingava, contorcido como um verme no chão, a vida se esvaindo por entre os dedos, a merda saindo sem controle do seu rabo. Miava covardemente, desarmado, o que o fadaria a nunca estar junto dos Deuses e dos seus ancestrais no outro mundo. O outro jazia com o pescoço fendido por uma machadada precisa desferida pela mãe, que expusera até a coluna. Um terceiro, molecote ainda, fugira aos tropeços ao ver os comparsas caídos.

Siv olhou para a mãe, que sorriu, apesar do olho roxo e inchado pelo soco que levara do covarde morto. As mulheres nunca eram presas fáceis; mordiam tão bem quanto qualquer guerreiro. Atacavam com fúria e graça, tais como as lobas de uma alcateia.

Assim que o pai e os irmãos retornaram, viram os corpos lado a lado sobre a grama.

E, depois de refeitos do susto, o orgulho explodiu em seus rostos. Beberam e comemoraram, porque do amanhã nada sabiam. Exceto que o garoto fujão logo faria companhia aos defuntos.

– E os remos, pai? – Siv acenou para uma velhota que lhes vendia queijo, a qual avançava com dificuldade pela trilha íngreme. No seu encalço, três cãezinhos a seguiam com as línguas pendentes do lado da boca, na esperança de que um dos queijos caísse do cesto apoiado sobre a cabeça dela.

– Seu irmão foi buscar – fungou o pai. – Borg está atrasado, mas prometeu todos para hoje.

– Aquele imprestável vive bêbado.

– Mas ainda assim é um dos melhores carpinteiros que temos. – Piscou e desceu a encosta para ajudar os homens a carregar montes de cordames. – E seu irmão sabe ser bem incisivo quando é preciso – acrescentou, apontando para o punho fechado.

Siv foi ajudar a queijeira, que estava sem fôlego, as pernas rígidas pela idade, apesar de ainda manter a postura ereta.

Quando a jovem pegou a cesta, os cãezinhos latiram na esperança de lhe aquecer o coração. Nada conseguiram. Voltaram morro abaixo para tentar melhor sorte com outras pessoas.

.
.
.

– Agora que já estamos com as panças forradas, meus filhos, precisamos conversar sobre dois assuntos importantes. – O pai deu uns tapas na barriga e se aprumou na cadeira, que rangeu. – O casamento e a viagem.

Sigrid, a mãe, lhes trouxe um pouco mais de hidromel e sentou-se à mesa, ao lado do marido, segurando no braço forte, coberto de cicatrizes e braceletes, ambos conquistados com muito orgulho. Ele a olhou com ternura, sua companheira de uma vida, a mulher forte que zelava por tudo enquanto ele navegava e que cuidava dele enquanto ele permanecia.

– Daqui a um mês, a irmã de vocês, Brida, vai se casar. – Os dentes largos e amarelos despontaram de trás da vasta barba acobreada, cujos primeiros fios brancos começavam a reluzir. – E, logo em seguida, singraremos o mar!

Os dois filhos bateram entusiasmados na mesa com os punhos e os copos feitos com chifre. Siv os acompanhou, sem tanta euforia. Alegrava-se mais com a batalha do que com festejos, parte que lhe cabia nessa história. Olhou pela grande porta do salão e viu as estrelas ponteando o céu, a brisa trazendo o cheiro da maresia.

Sem ninguém saber, vez por outra, quando o céu estava assim, estrelado, saía escondida durante a noite para ir dormir dentro do *langskip*, no conforto das duras tábuas de pinheiro.

– Está aqui ainda, Siv? – O pai atirou uma semente na testa da filha, que se assustou.

– Desculpa... estava pensando no casamento.

A mãe deu um longo gole na sua bebida e soluçou, o sorriso livre no rosto. O pai, por sua vez, conhecia muito bem os anseios do espírito da filha, mas nada disse

sobre esse assunto; continuaram conversando sobre os preparativos do festejo e da viagem.

*

Na mesma medida em que havia nascimentos, havia funerais. Velhos, novos ou mesmo aqueles que acabavam de nascer: Hel, a Deusa de Helheim, o Reino dos Mortos, não rejeitava ninguém em seus domínios. Esperava a todos sentada, impassível e inexpressiva, com metade do seu corpo alva e a outra enegrecida, em putrefação, em seu trono de ossos, no palácio cercado de névoas.

As almas atravessavam lentamente a ponte coberta Gjallarbrú sobre o rio Gjöll, admiradas com os detalhes em ouro brilhante, ainda perdidas e desorientadas pela passagem entremundos.

A Deusa não é boa ou má, apenas justa. Os espíritos bondosos cuja carne fora corrompida pela doença ou velhice são acalentados; aos maus restam as merecidas agruras no frio eterno de Niflheim, uma agonia que perdurará até o final dos tempos.

E, numa bonita manhã de céu azul e sem nuvens, todos se reuniam em prece, clamando que os espíritos da mãe e do filho natimorto fossem bem recebidos. A pira ardia com chamas altas e as madeiras estalavam. Algumas já ruíam, levantando fagulhas e cinzas. A coluna de fumaça subia em redemoinho, e o cheiro de carne, cabelos e roupas queimadas ardia nas narinas, deixando os olhos ainda mais vermelhos.

Um cão uivou em algum lugar. Um velho tossiu, enquanto a anciã entoava com a sua voz rouca uma canção antiga, acompanhada pelos presentes que murmuravam as palavras, formando um zumbido grave, levado pelo vento por toda a fazenda e além.

Birger, Asgeir, Hege e Hilda prestavam suas condolências à família: pai, filho e avó que pranteavam junto ao fogo, os rostos vermelhos pelo calor e pela dor. O primeiro seria aliviado assim que se afastassem, a segunda perduraria por semanas, meses, anos. Pela vida.

– Pobre Eir – Hilda enxugou as lágrimas com as costas da mão. – Estava tão alegre pelo nascimento que se aproximava.

A mãe fez uma prece silenciosa a Frigga pedindo que a Deusa sempre protegesse os seus filhos, da doença e da batalha.

– Mama... – Hege fungou. – Ela e o bebê vão *ficá* juntos?

– Claro que sim, querida. – Acariciou os cabelos da filha.

– Se a gente *molê*, a gente fica *junta*?

– Nem pense nisso. – A mãe a abraçou com força. – Você crescerá, terá filhos e, se os Deuses permitirem, serei avó.

– Eca! – A menininha franziu a testa. – Não *quelo tê* bebês!

Hilda e seus filhos foram se despedir da família que acabara de perder sua mãe e seu caçula. Hoje eles guardariam luto, amanhã voltariam ao trabalho, independentemente do sofrimento e da saudade, porque era o que restava aos vivos.

.
.
.

– Estaremos lá, claro. – Hilda serviu um pouco mais de ensopado de mariscos ao jovem esfomeado, que enfiava nacos e mais nacos de pão dentro da boca, estufando as bochechas salpicadas de sardas e poeira da estrada. – Obrigada por ter vindo aqui trazer tão boa nova!

– Eu é que agradeço pela comida deliciosa, senhora!

O mensageiro enviado pelos parentes de Hilda sorveu o caldo grosso e mastigou uma das iguarias com um sorriso na boca brilhosa. Passou o pão na tigela de barro, fazendo-o absorver as últimas gotas, levantou-se e saiu depois de fazer uma medida.

Ele ainda teria uma longa jornada para avisar a todos sobre a celebração. Respirou fundo e seguiu pela trilha assoviando e cantarolando, acompanhado pelos mesmos cachorrinhos que perseguiram a queijeira. Agora eles tiveram melhor sorte: ganharam um naco do pão que o jovem guardara no bolso.

Hilda começou a arrumar a mesa em silêncio. Hege dormia sobre uma pele de ovelha, abraçada à velha cadela, compartilhando pulgas e sonhos. Seus outros filhos estavam lá fora, atarefados com o interminável trabalho na fazenda.

A mãe estava contente por saber que sua parente, Brida, iria se casar dali a duas semanas. Na mesma medida, a lembrança da morte de Eir e do seu bebê pesava. Vida e morte eram amigas íntimas, afinal.

Curtiu? Quer saber mais sobre o livro? Acesse: <http://sagaviking.com.br>